

Harlan Coben

60 milhões de livros vendidos no mundo

DETALHE FINAL

Um segredo que alguns vão guardar até a morte
– e outros vão matar para descobrir



Uma história de **MYRON BOLITAR**



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para tia Evelyn, de Revere,
Com muito, muito amor

E em memória de Larry Gerson
1962-1998
Feche os olhos e poderá ainda ver seu sorriso

MYRON ESTAVA ESTIRADO AO SOL ao lado de uma morena deslumbrante que usava um biquíni infernal. Tinha na mão um drinque tropical enfeitado com um pequeno guarda-chuva e seus pés eram refrescados pela água transparente do Caribe. A areia era um pó branco ofuscante, o céu estava de um azul tão puro que só podia ter sido pintado por Deus, os raios de sol suaves como uma massagem após um gole de conhaque. Apesar disso, sentia-se absolutamente infeliz.

Ele e Terese estavam naquele lugar paradisíaco fazia umas três semanas, calculava Myron. Não se dera o trabalho de contar os dias. Nem Terese, imaginava ele. A ilha parecia tão remota quanto aquela do seriado dos *Birutas*: sem telefone, pouca iluminação, nenhum carro e muito luxo – não tinha muito a ver com a ilha de Robinson Crusóe; na verdade nem era tão primitiva. Myron balançou a cabeça. Você pode até tirar o garoto da frente da televisão, mas não dá para tirar a televisão da cabeça do garoto.

No meio da linha do horizonte, vindo em sua direção com um rastro branco na água azul, surgiu um iate. Myron sentiu um aperto no coração.

Não sabia onde estavam exatamente, embora o lugar tivesse um nome: Saint Bacchanals. Sem brincadeira. Tratava-se de um microcosmo pertencente a uma dessas megaempresas de cruzeiros, que reservava uma parte da ilha para que seus passageiros nadassem, fizessem churrasco e desfrutassem um dia num “recanto paradisíaco particular”. Privativo. Só eles e mais outras duas mil pessoas, espremidas numa pequena faixa de areia. Sim, muito particular. Feito uma bacanal.

Porém o lado da ilha onde estavam era muito diferente. Havia apenas uma casa, um misto de cabana com telhado de palha e sede de fazenda rica, que pertencia ao presidente da empresa de cruzeiros. A única pessoa no raio de mais de 1 quilômetro era um empregado. População total: talvez trinta pessoas, todas a serviço da empresa.

O iate desligou o motor e chegou mais perto.

Terese Collins baixou os óculos escuros e franziu o cenho. Fazia três semanas que nenhuma embarcação (exceto transatlânticos gigantescos, que possuíam nomes sutis como *Sensation*, *Ecstasy* ou *Orgasm*) passava por aquela praia.

– Você contou para alguém que estamos aqui? – perguntou ela.

– Não.

– Talvez seja John.

John era o já mencionado presidente da empresa de cruzeiros, amigo de Terese.

– Não creio – disse Myron.

Terese e Myron haviam se conhecido fazia pouco mais de três semanas. Terese, que era âncora de um programa do horário nobre na CNN, estava “de férias”. Os dois tinham se encontrado ao acaso em um evento benéfico a que foram apenas porque amigos os obrigaram. Como se a tristeza e o sofrimento mútuos fossem magnéticos, sentiram-se imediatamente atraídos um pelo outro. O caso começou como pouco mais que um desafio: abandonar tudo e fugir. Desaparecer com alguém que você acha atraente e mal conhece. Nenhum dos dois descartou a ideia e, doze horas depois, chegaram a St. Maarten. Mais 24 horas e ali estavam eles.

Para Myron, um homem que havia dormido com um total de quatro mulheres em toda a sua vida, que nunca tivera uma noite de sexo casual (nem na época em que isso era moda e não representava risco iminente à saúde) e que jamais tinha transado só pela sensação física, sem os entraves do amor e do compromisso, a decisão de fugir se mostrara surpreendentemente fácil.

Não dissera a ninguém aonde ia nem por quanto tempo – sobretudo porque ele próprio não fazia a menor ideia. Tinha ligado para os pais e lhes dito que não se preocupassem – o equivalente a pedir que criassem guelras e aprendessem a respirar debaixo d’água. Enviara um fax a Esperanza passando-lhe uma procuração para gerir a MB Representações Esportivas, a agência em que eram sócios. Não havia nem telefonado para Win.

Terese o observava:

– Você sabe quem é.

Myron não disse nada. Seus batimentos cardíacos se aceleraram.

O iate se aproximou. A porta da cabine da frente se abriu e, como ele temia, Win apareceu no convés. O pânico o deixou sem fôlego. O amigo não era o tipo de pessoa que fazia visitas casuais. Se estava ali, era porque algo não ia bem.

Myron se pôs de pé. Estava ainda longe demais para gritar, então optou por um aceno. Em resposta, Win balançou ligeiramente a cabeça.

– Espere um instante – disse Terese. – Aquele ali não é o herdeiro da Lock-Horne Seguros?

– É.

– Eu o entrevistei uma vez quando o mercado entrou em crise. Tem um nome comprido e pomposo.

– Windsor Horne Lockwood III – falou Myron.

– Isso. Um cara bem peculiar.

Ela nem imaginava quanto.

– Lindo como um deus – continuou Terese. – Naquele estilo família rica e tradicional, country clube, nascido com um taco de golfe de prata nas mãos.

Como se estivesse ouvindo, Win passou a mão pelas madeixas louras e sorriu.

– Vocês têm algo em comum – observou Myron.

– O quê?

– Os dois acham que ele é lindo como um deus.

Terese estudou o rosto de Myron:

– Você vai voltar – falou ela, com um toque de apreensão na voz.

Myron concordou com a cabeça:

– Win não viria até aqui à toa.

Ela pegou a mão de Myron. Foi o primeiro momento de ternura entre eles em três semanas, desde o evento beneficente. Podia soar estranho – amantes sozinhos numa ilha, fazendo sexo dia e noite, mas sem nunca ter dado um beijo suave, ter feito um carinho ou trocado palavras de afeto –, porém aquele relacionamento era do tipo esquecer e sobreviver: duas almas desesperadas caídas sobre escombros, sem nenhum interesse em tentar reconstruir o que quer que fosse.

Terese passava a maior parte dos dias fazendo longas caminhadas sozinha; ele, sentado na praia, exercitando-se e, às vezes, lendo. Encontravam-se para comer, dormir e fazer sexo. Tirando isso, deixavam-se a sós para – se não exatamente se recuperarem – evitar que os problemas viessem à cabeça. Myron percebia que ela também estava destroçada, que alguma tragédia recente a atingira com força. Porém nunca perguntara o que havia acontecido. Nem ela.

Era como uma regra tácita daquela pequena loucura.

O iate parou e lançou âncora. Win desceu num bote motorizado. Myron esperou. Ficou inquieto, trocando o pé de apoio, preparando-se. Quando o bote já estava perto o bastante da praia, Win desligou o motor.

– Meus pais? – perguntou Myron.

Win balançou a cabeça:

– Estão bem.

– Esperanza?

Ligeira hesitação:

– Está precisando da sua ajuda.

Win pisou com cautela na água, quase como se esperasse que ela suportasse seu peso. Vestia uma camisa branca de botões e short estampado, de uma cor berrante o suficiente para espantar um tubarão. O yuppie dono de iate. Tinha um porte mais para esbelto, porém os braços eram fortes como se cobras de aço se enrolassem sob a pele.

Terese se pôs de pé para receber Win, que a admirou sem dar mostras. Myron conhecia poucos homens que conseguiam aquilo. Educação. Ele pegou a mão de Terese e sorriu. Os dois trocaram amabilidades. Sorrisos falsos e comentários inúteis se sucederam. Myron permaneceu imóvel, sem escutar. Terese pediu licença e se dirigiu à casa.

Win a observou com atenção enquanto se afastava. Depois disse:

– Um *derrière* de primeira linha.

– Está se referindo a mim? – perguntou Myron.

Win manteve os olhos intensamente concentrados no, digamos, alvo:

– Na televisão ela está sempre atrás daquela bancada – observou ele. – Ninguém imaginaria que tem esse *derrière* fenomenal. – Ele balançou a cabeça. – Um desperdício, realmente.

– É mesmo! – retrucou Myron. – Talvez ela devesse se levantar de vez em quando durante o programa. Dar umas voltinhas, se abaixar, alguma coisa assim.

– Você está certo – falou Win, arriscando uma olhada rápida para o amigo. – Aproveite e faça umas fotos durante o sexo, talvez um vídeo.

– Não, isso é para você ou algum astro do rock pervertido.

– Otário.

– Otário, entendi. – *Derrière* de primeira linha? – Então, qual é o problema com Esperanza?

Terese havia desaparecido pela porta de casa. Win suspirou ligeiramente e se voltou para Myron:

– O iate vai levar uma hora para reabastecer, depois vamos. Posso me sentar?

– O que aconteceu, Win?

Ele não respondeu. Apenas se sentou numa espreguiçadeira, recostando-se. Pôs as mãos atrás da cabeça e pousou um tornozelo sobre o outro.

– Vou dizer uma coisa. Quando você resolve perder a linha, sabe fazer isso com estilo.

– Não perdi a linha. Só precisava dar um tempo.

– Hu-hum – fez Win, olhando para o outro lado.

De repente Myron percebeu tudo: devia ter magoado o amigo. Parecia estranho, mas provavelmente era isso. Win podia ser um sociopata aristocrático de sangue azul, mas, ainda assim, era mais ou menos humano. Os dois eram inseparáveis desde a faculdade, e Myron desaparecera sem dar sequer um telefonema. De certa forma, Win não tinha ninguém além dele.

– Eu ia ligar para você – disse Myron, numa voz débil.

Win permaneceu imóvel.

– Mas sabia que, se houvesse algum problema, você conseguiria me encontrar.

Era verdade. O amigo era capaz de encontrar uma agulha num palheiro.

Win fez um gesto com a mão:

– Deixe pra lá.

– Então, qual é o problema com Esperanza?

– Clu Haid.

O primeiro cliente de Myron, um arremessador de beisebol, agora na reserva, em fim de carreira.

– Que tem ele?

– Está morto – respondeu Win.

Myron sentiu as pernas tremerem ligeiramente. Deixou-se cair na espreguiçadeira.

– Levou três tiros, dentro da própria casa.

Myron baixou a cabeça:

– Achei que ele ia se endireitar.

Win não disse nada.

– Mas o que Esperanza tem a ver com isso?

O amigo olhou para o relógio:

– Exatamente agora – respondeu – ela deve estar sendo presa pelo assassinato dele.

– O quê?

Mais uma vez Win não disse nada. Odiava repetir.

– Estão achando que Esperanza o matou?

– Bom saber que essas férias não prejudicaram seus poderes de dedução – respondeu Win, virando o rosto para o sol.

– Que prova eles têm?

– A arma do crime, por exemplo. Manchas de sangue. Fibras. Você tem protetor solar?

– Mas como...? – Myron estudava o rosto do amigo, que, como sempre, não revelava nada. – Ela fez isso?

– Não faço ideia.

– Você perguntou a ela?

– Esperanza não quer falar comigo.

– O quê?

– Também não quer falar com você.

– Não entendo – disse Myron. – Esperanza não mataria ninguém.

– Você tem certeza absoluta disso?

Myron engoliu em seco. Havia pensado que os acontecimentos recentes o ajudariam a entender melhor Win, que também já matara alguém. Diversas vezes. Agora que Myron também passara por isso, chegara a pensar que se estabeleceria um novo elo, mas não. Pelo contrário. A experiência compartilhada estava cavando um verdadeiro abismo entre os dois.

Win olhou de novo para o relógio:

– Por que você não vai arrumar suas coisas?

– Não há nada que eu precise levar.

Win fez um sinal em direção à casa. Terese os observava em silêncio.

– Então dê adeus à Sra. Derrière e vamos embora.

2

TERESE TINHA VESTIDO UM ROUPÃO. Inclinou-se contra a porta e esperou.

Myron não sabia exatamente o que dizer. Optou por:

– Obrigado.

Ela balançou a cabeça.

– Quer ir junto? – perguntou ele.

– Não.

– Não pode ficar aqui a vida inteira.

– Por que não?

Myron pensou naquilo um instante:

– Você entende alguma coisa de boxe?

Terese farejou o ar:

– Estou reconhecendo o cheiro característico de uma metáfora esportiva?

– Acho que sim – respondeu ele.

– Vá em frente.

– Isto tudo é como uma luta de boxe – começou Myron. – Damos pulinhos, blefamos, nos abaixamos e tentamos manter o adversário longe. Mas só se pode fazer isso durante um tempo. No final, temos que dar um soco.

Ela fez uma careta:

– Meu Deus, essa foi péssima!

– É o calor do momento.

– E incorreta – acrescentou Terese. – Que tal assim: testamos a força do adversário e ela nos levou à lona. De alguma forma, conseguimos ficar de pé outra vez. Mas nossas pernas ainda estão bambas, a visão continua turva. Outro soco bem dado e a luta acaba. Melhor ficar driblando, evitar sermos atingidos e rezar para chegarmos até o final.

Difícil de contestar.

Os dois ficaram em silêncio. Myron foi o primeiro a tentar quebrá-lo:

– Se você for a Nova York, me ligue e...

– Certo.

Silêncio.

– Sabemos o que vai acontecer – disse Terese. – Vamos nos encontrar para um drinque, talvez ir para a cama de novo, mas não será a mesma coisa. Vamos nos sentir desconfortáveis demais, fingir que estamos outra vez

juntos, sem nunca termos trocado sequer uma mensagem. Não somos amantes, Myron. Nem sequer amigos. Não sei que diabo somos, mas obrigada.

Um pássaro piou. As pequenas ondas produziram um som suave. Win estava de pé na praia, braços cruzados, o corpo demonstrando uma paciência assustadora.

– Seja feliz, Myron.

– Você também.

Ele e Win tomaram o bote até o iate. Um membro da tripulação ofereceu a mão a Myron, que a agarrou e subiu a bordo. A embarcação partiu. Myron ficou no convés, observando a praia diminuir. Apoiava-se contra a amurada de madeira nobre. Tudo naquele iate era nobre, escuro e caro.

– Pegue – ofereceu Win.

Myron se virou. O amigo lhe passou um achocolatado, sua bebida preferida. Myron sorriu:

– Faz três semanas que não tomo um desses.

– As dores da abstinência – falou Win. – Deve ter sido uma agonia.

– Sem TV e sem achocolatado. É um milagre que eu tenha sobrevivido.

– Sim, você viveu praticamente como um monge – disse Win. Depois, olhando outra vez para a ilha, acrescentou: – Bem, como um monge que fez muito sexo.

Os dois estavam fugindo do assunto realmente importante.

– Quanto tempo até chegar? – perguntou Myron.

– Oito horas de barco – respondeu Win. – Um jato fretado está à nossa espera em Saint-Barth. O voo deve durar umas quatro horas.

Myron balançou a cabeça, sacudiu o achocolatado, tomou um gole longo e virou na direção do mar.

– Me desculpe.

Win ignorou a frase. Ou talvez ela fosse suficiente para ele. O iate tomou velocidade. Myron fechou os olhos, deixando o borriço suave da água acariciar seu rosto. Pensou um instante em Clu Haid. Não confiava em agentes – “todos estão a um passo da pedofilia”, era como os descrevia. Então pedira que Myron negociasse seus contratos. Na época, Myron ainda estava no primeiro ano de direito em Harvard, mas aceitara a proposta. Gostava daquilo. E a MB Representações Esportivas surgira logo em seguida.

Clu era irresponsável, mas uma pessoa cativante. Sem nenhum constrangimento, vivia atrás de vinho, mulheres e música – sem mencionar qualquer droga em que pudesse pôr as mãos, o nariz ou as veias. Nunca

conhecia alguém de que não gostasse. Era um cara grande, ruivo, com uma beleza infantil e jeito amigável, quase um canalha à moda antiga, além de tremendamente carismático. Todo mundo o adorava. Até Bonnie, a esposa sofredora. O casamento era um bumerangue. Ela mandava o marido embora, ele girava um tempo pelo mundo, depois Bonnie o agarrava de volta.

Clu parecia estar pegando mais leve. Depois de tudo o que Myron fizera para livrá-lo de várias confusões – suspensões por uso de drogas, acusações de dirigir embriagado e por aí fora –, ele começara a engordar e chegara ao fim de seu reino encantado. Os Yankees compraram seu passe, porém o colocaram num rigoroso período de experiência, dando-lhe uma última chance de redenção. Pela primeira vez Clu havia aceitado fazer reabilitação e vinha participando de reuniões dos Alcoólicos Anônimos. Sua bola rápida voltara a superar a incrível barreira dos 140 quilômetros por hora.

Win interrompeu seus pensamentos:

– Quer saber o que aconteceu?

– Não tenho certeza – respondeu Myron.

– Sério?

– Da última vez, estraguei tudo. Você me avisou, mas não quis escutar. Já morreu tanta gente por minha causa. – Sentiu lágrimas nos olhos e limpou-as. – Você não faz ideia de como terminou mal.

– Myron?

Ele se virou para o amigo. Seus olhares se encontraram.

– Componha-se – disse Win.

Myron fez um barulho – metade soluço e metade risada:

– Detesto quando você me mima.

– Talvez prefira que eu acrescente alguma banalidade inútil – replicou Win, mexendo o drinque e tomando um pouco. – Escolha uma das alternativas, depois podemos continuar: a vida é dura; a vida é cruel; a vida é puro acaso; às vezes pessoas boas são forçadas a fazer coisas más; às vezes pessoas inocentes morrem; sim, Myron, você estragou tudo, mas da próxima vez vai se sair melhor; não, Myron, você não estragou tudo, não foi culpa sua; todo mundo tem um limite e agora você sabe o seu. Posso parar?

– Por favor.

– Então vamos passar para Clu Haid.

Myron concordou e deu o gole final no achocolatado.

– Tudo parecia ir bem para nosso velho amigo – falou Win. – Vinha fazendo bons lançamentos. A paz reinava no lar. Estava passando nos exames

antidoping. Ficava em casa nas horas vagas. Tudo isso mudou duas semanas atrás, quando um antidoping surpresa deu resultado positivo.

– Para quê?

– Heroína.

Myron balançou a cabeça.

– Clu não se pronunciou para a mídia – continuou Win. – Mas em particular declarou que o teste foi manipulado. Que alguém tinha posto alguma coisa na sua comida ou algo assim.

– Como você sabe disso?

– Esperanza me contou.

– Ele a procurou?

– Sim, Myron. Quando não passou no antidoping, é claro que ele foi pedir ajuda ao agente.

Silêncio.

– Ah – fez Myron.

– Não quero falar sobre o fiasco que é a MB Representações Esportivas no momento. Basta dizer que Esperanza e Big Cyndi fizeram o melhor que conseguiram. Mas a agência é sua. Os clientes contratam você. Muitos ficaram bastante insatisfeitos com o seu súbito desaparecimento.

Myron deu de ombros. Um dia iria se preocupar.

– Então pegaram Clu no exame.

– E ele foi imediatamente suspenso. A mídia ajudou a acabar com ele. Perdeu todos os contratos de publicidade. Bonnie o botou para fora. Os Yankees o renegaram. Sem ter para onde ir, Clu fez várias visitas ao seu escritório, e toda vez Esperanza lhe dizia que você não estava disponível. O mau humor dele foi aumentando a cada visita.

Myron fechou os olhos.

– Quatro dias atrás, Clu abordou Esperanza fora do escritório. No estacionamento Kinney, para ser mais exato. Trocaram algumas palavras. Duras e em voz alta. Segundo testemunhas, Clu lhe deu um soco na boca.

– O quê?

– Vi Esperanza no dia seguinte. Estava com o rosto inchado. Mal podia falar, embora tenha conseguido me dizer que não me metesse na vida dela. Acredito que teria sido ainda pior se Mario e outros funcionários do estacionamento não os tivessem separado. Parece que ela fez ameaças do tipo “você vai pagar, seu brocha filho da puta” enquanto os apartavam.

Myron balançou a cabeça. Aquilo não fazia sentido.

– No outro dia, de tarde, Clu foi encontrado morto no apartamento que alugava em Fort Lee – continuou Win. – A polícia ficou sabendo do que tinha havido entre os dois. Emitiram não sei quantos mandados de busca e a arma do crime foi encontrada, uma 9 milímetros, no seu escritório.

– No meu escritório?

– Sim, no escritório da MB.

Myron balançou de novo a cabeça:

– Isso foi plantado.

– Sim, talvez. Encontraram também fibras compatíveis com o carpete do apartamento de Clu.

– Essas fibras não querem dizer nada. Ele esteve no escritório antes. Provavelmente elas foram nos sapatos dele.

– Sim, talvez – repetiu Win. – Mas os vestígios de sangue na mala do carro da empresa são mais difíceis de explicar.

Myron quase desabou:

– Sangue no Taurus?

– Sim.

– E a polícia confirmou que o sangue era de Clu?

– Mesmo tipo sanguíneo. O exame de DNA vai levar umas semanas.

Myron não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– Esperanza usou o carro?

– Nesse mesmo dia. Segundo os registros do pedágio, o carro atravessou a ponte Washington de volta a Nova York menos de uma hora depois do assassinato. E, como eu disse, ele foi morto em Fort Lee. O apartamento fica a cerca de 3 quilômetros da ponte.

– Isso é loucura.

Win não disse nada.

– Que motivo ela teria? – perguntou Myron.

– A polícia ainda não encontrou um que seja sólido o bastante. Mas trabalham com várias hipóteses.

– Tais como?

– Esperanza tinha se tornado sócia da MB Representações Esportivas fazia pouco tempo. Estava sozinha à frente dela. O cliente mais antigo da empresa estava prestes a ir embora.

Myron franziu o cenho:

– Muito fraco esse motivo.

– E também tinha a briga no estacionamento. Talvez Clu a culpasse por

todas as coisas ruins que estavam acontecendo com ele. Talvez ela quisesse se vingar. Quem sabe?

– Você disse que ela não queria falar com você.

– Sim.

– Mas você perguntou a ela sobre as acusações?

– Perguntei.

– E?

– Ela me disse que tinha a situação sob controle – respondeu Win. – E que não entrasse em contato com você. Ela não queria falar com você.

Myron pareceu intrigado:

– Por que não?

– Não tenho a menor ideia.

Lembrou-se de Esperanza, aquela beleza hispânica que havia conhecido quando ela lutava profissionalmente sob o nome de Pequena Pocahontas. Fazia séculos. Ela estava na MB Representações Esportivas desde o começo – primeiro como secretária e, depois de se formar em direito, como sócia.

– Mas sou o melhor amigo dela – disse Myron.

– Sei muito bem disso.

– Então por que pediria uma coisa dessas?

Win achou que a pergunta era retórica. Permaneceu em silêncio.

A ilha já desaparecera de vista. Em todas as direções, via-se apenas a agitação das águas tépidas e azuis do Atlântico.

– Se eu não tivesse sumido... – começou Myron.

– Myron?

– O quê?

– Você está choramingando outra vez. Não aguento chorões.

Myron balançou a cabeça e se encostou na amurada de madeira.

– Alguma ideia? – perguntou Win.

– Ela vai falar comigo – respondeu Myron. – Pode ter certeza.

– Tentei ligar para ela.

– E?

– Ninguém atendeu.

– Você tentou Big Cyndi?

– Ela está fazendo exatamente o que Esperanza pediu.

Não o surpreendia.

– Que dia é hoje? – perguntou Myron.

– Terça.

– Big Cyndi ainda trabalha como segurança no Couro e Luxúria. Pode ser que esteja lá.

– Durante o dia?

Myron encolheu os ombros:

– Perversão sexual não tem hora certa.

– Graças a Deus – disse Win.

Os dois ficaram em silêncio, o barco balançando-os suavemente.

Win olhou para o sol:

– Lindo, não?

Myron assentiu.

– Você já deve estar enjoado disso depois de tanto tempo.

– Muito – concordou Myron.

– Vamos lá para baixo. Acho que vai gostar.

3

WIN HAVIA FEITO UM ESTOQUE de vídeos no iate. Eles assistiram a episódios antigos de *Batman* (com Julie Newmar como Mulher-Gato e Lesley Gore como uma de suas assistentes – um miau duplo!), *Odd Couple* (quando Oscar e Félix participam de uma gincana na TV), *Além da imaginação* e, para ter algo mais atual, *Seinfeld* (Jerry e Elaine visitam os pais dele na Flórida). Nada de comida saudável. Comida de verdade. Se não fosse substancial o bastante, havia Doritos, Cheetos, além de mais achocolatados e até uma pizza requentada da Calabria, uma pizzaria da Livingstone Avenue.

Win podia ser um sociopata, mas que cara!

O efeito de tudo aquilo era mais que terapêutico. O tempo passado no mar e, depois, em frente à TV, funcionou como uma câmara de decompressão emocional, uma oportunidade para a alma de Myron ajustar-se à vida, ao súbito ressurgimento no mundo real.

Os dois amigos mal falavam, só suspiravam olhando para Julie Newmar (toda vez que ela aparecia na tela, com sua roupa preta justa, Win imitava um gato ronronando). Eles deviam ter 5 ou 6 anos quando a série foi ao ar, mas algo em Julie Newmar como Mulher-Gato varria para longe qualquer noção freudiana de que o desenvolvimento sexual fazia uma pausa naquela fase. Por quê, nenhum dos dois sabia. Sua maldade talvez. Ou algo mais profundo. Esperanza teria alguma opinião interessante sobre isso. Myron tentou não pensar nela – era inútil e exaustivo, já que não podia fazer nada a respeito –, mas a última vez que vivera algo parecido tinha sido na Filadélfia, justamente com Win e Esperanza. Sentia falta da sócia. Assistir TV não era a mesma coisa sem seus comentários incessantes.

O barco atracou e eles se dirigiram ao jato particular.

– Vamos salvá-la – disse Win. – Afinal, somos os mocinhos.

– Questionável.

– Tenha confiança, amigo.

– Não, estava me referindo a sermos os mocinhos.

– Você devia saber a diferença.

– Não sei mais – retrucou Myron.

Win jogou o queixo para a frente, a mesma careta de fundador da América que os antepassados dele devem ter feito quando chegaram no *Mayflower*.

– Essa sua crise moral é *très* inapropriada.

Uma loura vistosa, de voz sussurrante, como que saída de um velho cabaré francês, saudou-os na cabine do jato, pertencente à companhia Lock-Horne. Trouxe-lhes drinques em meio a risos e reboçados. Win sorriu para ela, que retribuiu.

– Interessante – disse Myron.

– O quê?

– Você sempre contrata aeromoças curvilíneas.

Win franziu o cenho:

– Por favor! Ela prefere ser chamada de comissária de bordo.

– Desculpe a minha estúpida falta de sensibilidade.

– Tente ser mais tolerante – disse Win. – Adivinhe o nome dela.

– Tawny?

– Quase. Candi. Com *i*. Mas sem pingo. Ela desenha um coração no lugar.

Win podia ser mais canalha, mas era difícil imaginar como.

Myron se recostou. Ouviu-se a voz do piloto pelo alto-falante. Cumprimentou-os pelo nome, depois decolaram. Jato particular. Iate. Às vezes era bom ter amigos ricos.

Quando alcançaram altitude de cruzeiro, Win abriu o que parecia ser uma caixa de charutos e tirou um telefone.

– Ligue para os seus pais – disse ele.

Myron ficou parado um instante. Uma nova onda de culpa o atravessou e ele enrubesceu. Concordou, pegou o telefone e ligou. Segurava o aparelho com um pouco de força excessiva. A mãe atendeu.

– Mãe...

Ela começou a gritar, até conseguir chamar o marido. O pai de Myron pegou a extensão no andar de baixo.

– Pai...

O pai começou também a berrar. Uma gritaria em estéreo. Myron afastou o telefone do ouvido um instante.

– Eu estava no Caribe – falou ele –, não em Beirute.

Uma explosão de gargalhadas dos dois. Depois, mais gritos. Myron olhou para Win, que permaneceu impassível, e revirou os olhos, mas no fundo estava satisfeito. Por mais que alguém se queixe, quem não gosta de ser amado assim?

Os pais encetaram uma conversa sem sentido – intencionalmente sem sentido, supôs Myron. Ao mesmo tempo que podiam ser inoportunos, os

dois possuíam o dom maravilhoso de saber a hora de recuar. Conseguiu explicar onde estivera. Eles escutaram em silêncio. Depois a mãe perguntou:

– E de onde você está nos ligando?

– Do avião de Win.

Ouviu os dois arfarem em conjunto:

– O quê?

– A empresa de Win tem um jato particular. Acabei de dizer a vocês que ele me pegou...

– E você está falando do telefone dele?

– Sim.

– Você faz ideia de quanto isso custa?

– Mãe...

A conversa sem sentido, no entanto, acabou logo. Myron desligou e, segundos depois, relaxou na poltrona. A culpa veio novamente, banhando-o em algo gelado. Os pais já não eram jovens. Ele não tinha pensado naquilo antes de sumir. Não tinha pensado em várias coisas.

– Eu não devia ter feito isso com eles – falou Myron. – Nem com você.

Win se mexeu na cadeira – para ele, uma linguagem corporal expressiva. Candi reapareceu rebolando. Abaixou uma tela, apertou um botão, e um filme do Woody Allen começou a passar. *A última noite de Boris Grushenko*. Um néctar dos deuses para a mente. Eles assistiram sem falar nada. Quando acabou, Candi perguntou a Myron se ele queria tomar uma chuva antes de aterrissarem.

– Perdão? – disse ele.

Candi deu uma risadinha, chamou-o de “bobinho” e saiu rebolando.

– Uma chuva?

– Tem um chuveiro nos fundos – falou Win. – Tomei também a liberdade de trazer uma muda de roupa para você.

– Você é um bom amigo.

– Sou mesmo, bobinho.

Myron tomou banho, trocou-se, e depois todos colocaram os cintos de segurança para a chegada. O avião desceu sem atraso, numa aterrissagem tão perfeita que parecia coreografada pelo Temptations. Uma limusine comprida estava esperando por eles na pista de asfalto escuro. Do lado de fora do avião, o ar parecia estranho e desconhecido, como se estivessem vindo de outro planeta, não de outro país. Chovia forte. Desceram os degraus e entram na limusine, que os esperava de portas abertas.

Secaram-se um pouco.

– Imagino que você vá ficar comigo – disse Win.

Myron estivera morando num loft na Spring Street, com Jessica, mas isso fora antes.

– Se não tiver nenhum problema.

– Não tem.

– Posso voltar a morar com os meus pais...

– Eu disse que não tem problema nenhum.

– Vou encontrar um lugar para mim.

– Sem pressa – falou Win.

A limusine deu partida. Win juntou as pontas dos dedos. Sempre fazia isso. Ficava bem nele. Levou as mãos unidas aos lábios:

– Não sou a melhor pessoa para falar desses assuntos – começou ele –, mas, se você quiser falar sobre Jessica ou Brenda, ou quem quer que seja...

Ele separou os dedos e fez um gesto vago com a mão direita. Win estava tentando. As questões do coração não eram seu forte. Seus sentimentos sobre envolvimento românticos podiam ser objetivamente rotulados de “apavorantes”.

– Não se preocupe com isso – disse Myron.

– Tudo bem, então.

– Mesmo assim, obrigado.

Apenas um aceno rápido com a cabeça.

Após mais de uma década de idas e vindas com Jessica – anos que passou apaixonado pela mesma mulher, em que tiveram uma separação séria, encontraram-se de novo, fizeram tentativas, amadureceram e foram por fim morar juntos outra vez –, estava tudo acabado.

– Sinto falta de Jessica – falou Myron.

– Pensei que não íamos falar nisso.

– Desculpe.

Win se mexeu outra vez no banco:

– Não, continue – disse, como se preferisse fazer um exame de toque anal a falar daquilo.

– É só que... Acho que uma parte de mim vai ficar para sempre com ela.

Win balançou a cabeça:

– Como um acidente de trabalho.

Myron sorriu.

– É, isso.

– Então corte o membro e deixe para lá.

Myron olhou para o amigo.

Win deu de ombros:

– Tenho visto muitos talk shows nas horas vagas.

– Dá para notar.

– Um episódio chamado “Mamãe arrancou o piercing do meu mamilo”

– disse Win. – Confesso que me fez chorar.

– É bom saber que você está aprendendo a lidar com seu lado sensível. –

Como se Win tivesse um, pensou. – Então, o que vamos fazer?

Win olhou para o relógio:

– Tenho um contato na casa de detenção do Condado de Bergen. Deve estar lá agora.

Pegou o telefone, pôs no viva-voz e digitou um número. Após dois toques, ouviram alguém atender:

– Schwartz.

– Brian, aqui é Win Lockwood.

Depois do costumeiro silêncio reverente comum a toda vez que alguém escutava aquele nome, Schwartz respondeu:

– Oi, Win.

– Preciso de um favor.

– Diga.

– Esperanza Diaz. Ela está aí?

Breve pausa.

– Você não soube disso por mim – falou Schwartz.

– Soube do quê?

– Ótimo. Tudo bem, já que nos entendemos – disse ele. – Sim, ela está aqui. Trouxeram a garota pra cá algemada faz umas duas horas. Tudo na encolha.

– Por que na encolha?

– Não sei.

– Quando ela vai ser levada a juízo?

– Amanhã de manhã, acho.

Win olhou para Myron, que balançou a cabeça. Esperanza passaria a noite detida. Isso não era nada bom.

– Por que a prenderam tão tarde?

– Não sei.

– E você viu que ela estava algemada?

– Vi.

– Não a deixaram se entregar por vontade própria?

– Não.

Novamente, os dois amigos se entreolharam. Presa tarde. Algemada. Noite na prisão. Alguém da promotoria estava irritado e tentando passar um recado – não muito agradável.

– O que mais você tem para me contar? – perguntou Win.

– Não muito. Como disse, estão agindo com muita discrição nesse caso. O promotor nem soltou isso para a mídia ainda. Mas vai. Provavelmente antes do jornal das onze. Declaração rápida, sem tempo para perguntas, esse tipo de coisa. Não teria ficado sabendo disso se não fosse um grande fã.

– Grande fã?

– De luta livre. Olha, eu logo a reconheci da época em que era lutadora. Você sabia que Esperanza Diaz era a Pequena Pocahontas, a princesa índia?

Win olhou para Myron.

– Sim, Brian, sabia.

– Mesmo? – O contato ficou animado de verdade. – Pequena Pocahontas era a minha favorita, não tinha para nenhuma. Uma lutadora incrível. Top de linha. Quer dizer, ela entrava no ringue com aquele biquíni mínimo, de camurça, e começava a se agarrar com as outras garotas, maiores que ela, se contorcendo pelo chão e coisa e tal. Juro por Deus, ela era muito gostosa.

– Obrigado pela imagem – retrucou Win. – Mais alguma coisa, Brian?

– Não.

– Você sabe quem é o advogado dela?

– Não. – Depois de um instante: – Ah, só mais uma coisa. Tem alguém com ela. Bem, é como se estivesse com ela...

– Como se estivesse com ela?

– Lá fora. Nos degraus em frente ao fórum.

– Não sei se estou entendendo – replicou Win.

– Lá fora, na chuva. Sentada lá. Se não estou enganado, é a ex-parceira de equipe da Pequena Pocahontas, a Grande Chefe-mãe. Você sabia que as duas foram campeãs intercontinentais por três anos seguidos?

Win suspirou.

– Não diga!

– Seja lá o que intercontinental for. Quer dizer, o que isso significa, você sabe? Mas isso já faz tempo. Cinco, oito anos atrás, no mínimo. Cara, elas eram incríveis. Grandes lutadoras. Hoje em dia, a liga perdeu totalmente a classe.

– Mulheres de biquíni se agarrando – falou Win. – Já não se fazem mais lutadoras como aquelas.

– Isso, exatamente. É tudo falso, peito de silicone. Eu, pelo menos, penso assim. Quando uma cai de barriga no chão, parece que o peito vai estourar como um pneu velho. É por isso que quase não assisto mais. Às vezes, se estou zapeando pelos canais e alguma coisa me chama atenção, paro e dou uma olhada...

– Você estava falando sobre uma mulher na chuva?

– Certo, Win, certo, desculpe. Ela está lá fora, seja quem for. Sentadinha. Os policiais já passaram por ela e perguntaram o que estava fazendo. Ela respondeu que ia esperar pela amiga.

– Então ela está aí agora?

– Está.

– Como ela é, Brian?

– Parece o Incrível Hulk. Só que mais feia. E talvez mais verde.

Win e Myron se entreolharam mais uma vez. Não havia dúvidas. A Grande Chefe-mãe, também conhecida como Big Cyndi.

– Mais alguma coisa, Brian?

– Não, mais nada. – E depois: – Então você conhece Esperanza Diaz?

– Sim.

– Pessoalmente?

– Sim.

Um silêncio de admiração:

– Meu Deus, que vida essa sua, Win!

– É mesmo.

– Dá para me conseguir um autógrafo dela?

– Vou fazer o possível, Brian.

– Um retrato autografado, talvez? Da Pequena Pocahontas com seu traje de luta? Sou um grande fã, de verdade.

– Dá para ver, Brian. Tchau.

Win desligou e se recostou no assento. Olhou para Myron, que balançou a cabeça. Pegou o interfone e ordenou ao motorista que os levasse ao fórum.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br